

## O EXISTENCIALISMO FRANCÊS E A CRÍTICA AO DETERMINISMO DE GÊNEROS.

BEATRÍS DA SILVA SEUS<sup>1</sup>;  
FLÁVIA CARVALHO CHAGAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [beatriseus@gmail.com](mailto:beatriseus@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [flaviafilosofiaufpel@gmail.com](mailto:flaviafilosofiaufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que nos escritos filosóficos de Simone de Beauvoir, encontramos influências de Jean-Paul Sartre. Não dizemos isto no sentido de que a autora teria reescrito o filósofo, mas dizemos isto para deixar claro ao leitor de que ela transcendeu o autor e foi mais longe no que tange a uma moral prática. Enquanto que Sartre buscava investigar a textura do ser com o tratado de ontologia e fenomenologia intitulado *O Ser e o Nada*; Beauvoir demonstrou ter outra preocupação: Utilizando as caracterizações humanas expostas pelo filósofo, Beauvoir conseguiu elaborar um modelo de moral ambígua cujo ponto de partida e de fim fosse a Liberdade humana. E esta liberdade, que ao longo dos anos influenciou positivamente tantas gerações, possibilitou a busca por valores humanos de bem e mal que não fossem pautados pela metafísica. Veremos a seguir algumas das consequências do pensamento de ambos os autores.

### 2. METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa bibliográfica, seguindo a ordem cronológica dos escritos dos autores utilizados, e trazendo com nossa visão crítica e comparativa, elementos contemporâneos próprios do século XXI. Só assim, unindo teoria e prática, acreditamos que seja possível elaborar um trabalho inovador.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na nossa pesquisa, evidenciamos que existencialismo francês ateu leva adiante um legado que teve início em Nietzsche e Dostoiévski: Deus estando morto, tudo é permitido; e nesta perspectiva torna-se difícil fugir de um modelo meramente niilista. Para superar tal problema, Sartre visualiza o Ser de forma crua, sem nenhuma caracterização fora do mundo. Ou seja, a idéia de um Deus possuidor de uma verdade, não tem espaço neste modelo. Quando utilizamos com estes autores a palavra “Ser”, estamos nos referindo a seres humanos fêmeas e seres humanos machos que estão situados no mundo caótico. Utilizamos o termo “caótico” aqui, pois não havendo Deus cujo papel foi de ordenar o universo por tantas décadas, cabe ao homem transformar-se em seu próprio deus. Os Seres do mundo, meros resultados de erros e acertos da natureza continuados por milhões de anos, devem assumir a responsabilidade de agir moralmente pelo viés da Liberdade, e não mais de uma coerção divina. É por este motivo, que Sartre lança em seus escritos a famosa noção de que os seres não nascem com essências formadas: primeiro os seres existem, para depois serem alguma coisa – possuírem alguma característica. Desta forma, toda teoria contratualista filosófica é deixada de lado: não importa mais dizer que o homem é

bom ou mal por natureza, se ele simplesmente não é nada por natureza. Suas ações cotidianas e engajadas definem sua essência:

O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse *elã* de existir, o homem nada é além do que ele se faz. Esse é o primeiro princípio do existencialismo. É isso também o que se denomina subjetividade, e esse é o termo pelo qual nos criticam. Porém, o que entendemos, na verdade, com isso, senão que o homem tem mais dignidade que uma pedra ou uma mesa? Pois queremos dizer que o homem existe antes de tudo, ou seja, que o homem é, antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser, e aquilo que tem consciência de projetar vir a ser (SARTRE, 2010).

Por anos o existencialismo ateu foi caracterizado como pessimista, pois como o próprio Sartre afirma, existem três consequências da tomada de consciência do homem em relação à sua situação: a da angústia, do desamparo e do desespero. No consciente humano, estes conceitos são necessários uns aos outros; com o desaparecimento da metafísica em suas mentes, os seres passam a sentir um desconforto em relação ao mundo, intitulado por Sartre de “desamparo”. Isto porque, sem verdade *a priori*, resta a estes sujeitos aceitarem toda a responsabilidade possível. Para o filósofo, quando um homem toma uma decisão, ele a toma representando a totalidade de todos os homens que existem, pois em uma sociedade, ele pode ser um modelo a ser copiado. Esta realidade agora clara para o Ser o faz cair em “desespero”, caracterizado pela apreensão do caos inerente ao mundo, e tal desespero costuma durar pouco tempo dando espaço à “angústia”; que pode seguir o homem por toda sua vida. As literatura do autor deixa claro como é desenvolvido este processo, como podemos ver no trecho retirado de *A Náusea*:

“Meu pensamento sou *eu*: eis por que não posso parar. Existo porque penso... e não posso me impedir de pensar. Nesse exato momento – é terrível – se existo é *porque* tenho horror a existir. Sou eu, *sou eu* que me extraio do nada a que aspiro: o ódio, a repugnância de existir são outras tantas maneiras de *me* fazer existir, de me embrenhar na existência. Os pensamentos nascem por trás de mim como uma vertigem, sinto-os nascer atrás de minha cabeça... Se eu cedo, virão para a frente, aqui entre meus olhos – e sempre cedo, o pensamento cresce, cresce e fica imenso, me enchendo por inteiro e renovando minha existência (SARTRE, 2015).”

A saída para aquele estado decadente descrito com três características do homem consciente do seu papel no mundo, é a de aceitar a sua Liberdade, e com isso desempenhar seu papel como ser humano, humanista, existencialista e ateu: deixar de lado teologias e metafísicas para que, em seu lugar, se possam construir sociedades além do que Nietzsche chamaria de “além do bem e do mal”. Por essa razão, os filósofos em questão consideram todas as constatações feitas até aqui, como sendo otimistas. Apesar de soar horrível uma realidade descrita tal qual como Sartre e Beauvoir planejam, tal realidade tem seu aspecto positivo:

Dostoiévsky escrevera: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. É este o ponto de partida do existencialismo. Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, conseqüentemente, o homem encontra-se desamparado, pois não encontra nem dentro nem fora de si mesmo uma possibilidade de agarrar-se a algo. Sobretudo, ele não tem mais escusas. Se, com efeito, a existência precede a essência, nunca se poderá recorrer a uma natureza humana dada e definida para explicar alguma coisa; dizendo de outro modo, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontraremos à nossa disposição valores ou ordens que legitimem nosso

comportamento. Assim, nem atrás de nós, nem à nossa frente, ou no domínio numinoso dos valores, dispomos de justificativas ou escusas. É o que exprimirei dizendo que o homem está condenado a ser livre (SARTRE, 2010, p. 32 – 33).

Como podemos ver na citação anterior, “a morte de Deus” expande as possibilidades humanas. Assim como Sartre, Beauvoir declara que o homem é livre mesmo que não queira, por isso ele está condenado a assim o ser. Porém, some com esta perspectiva a ideia de que homens e mulheres devam comportar-se ou agir de formar padronizadas e impostas. Daremos um exemplo prático: Por muitos anos, independentemente do órgão sexual, só era considerada uma mulher de respeito quem possuísse o que Beauvoir chama de “mito da feminilidade”. Neste mito, encaixamos roupas que impedem a transcendência feminina, mantendo-a imanente no cuidado do lar. Temos assim as unhas compridas que lhe impedem de pegar bem os objetos, os vestidos compridos e saltos altos que lhe impedem de locomover-se direito e com agilidade. Os corpetes ou corseletes que lhe impediam a boa respiração, e assim por diante... Os homens, por outro lado, também possuíam características fundamentais: eles deveriam ser fortes, provedores do lar e desempenhar um papel de semideus; sem choros, sem crises – eles deveriam ser apenas pais de família.

#### 4. CONCLUSÕES

A visão de mundo sartriana e o feminismo de Beauvoir são complementares. A partir do momento em que verdades absolutas não existem, mas são construídas, abre-se um leque de possibilidades para que as pessoas caracterizem a si mesmas em uma questão particular; e também possibilita que repensemos todo o nosso modelo de sociedade, vendo até que ponto questões polêmicas (como o aborto por exemplo) devem ser infladas por discursos religiosos que de nada acrescentam à um estado que é laico no papel, mas não na prática. Por este motivo, de podermos realizar uma nova análise de valorações e costumes sociais através da Filosofia de Sartre e Beauvoir, que defendemos a inovação deste trabalho. Temos como plano de fundo a busca pela pesquisa teórica laica, ou pelo menos, o mais neutra possível.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **Moral da Ambiguidade**. Tradução de Anamaria de Vasconcellos. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio e Ontologia Fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Náusea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.